

A SEMANA – 189*

12 de janeiro de 1896

Quando li o relatório da polícia acerca do Jardim Zoológico, tive uma comoção tão grande, que ainda agora mal posso pegar na pena.¹ Vou dizer por quê. Sabeis que o jogo dos bichos acabou ali há muito tempo. Carneiro, macaco, elefante, porco, tudo fugiu do Jardim Zoológico e espalhou-se pelas ruas. Este fenômeno é igual a tantos que se dão na organização das cidades. A princípio, os moradores é que vão buscar a água às fontes; mais tarde, o encanamento é que a leva aos moradores. Dá-se com os bichos a mesma coisa. Não há casa, não há cozinha, e raro haverá sala que não possua uma pia, aonde vá ter a água de Vila Isabel. Há tal armarinho, onde entre o aperto de mão e a compra das agulhas a conversação não tem outro assunto.

– Eu, Sr. Maciel, diz a moça examinando as agulhas, sempre tive confiança no cavalo.

Ele, debruçando-se:

– Cria, D. Mariquinhas, que é animal seguro. O burro não é menos; mas o cavalo é muito mais. As agulhas servem?

Talvez o leitor não entenda bem esse esclarecimento. D. Mariquinhas entende; dá dois dedos de palestra, cinco em despedida, e vai direita mandar comprar no cavalo.

Uma empresa lembrou-se de substituir no Jardim Zoológico o jogo dos animais pelo dos divertimentos. Não foi mal imaginado; cada bilhete de entrada leva a indicação de um jogo lícito, desde o bilhar, que é o primeiro da lista, até o... Aqui vem a causa da minha comoção. Que pensais, vós que não lestes o relatório da polícia, que jogo pensais que é o último, o 25º da lista? É o xadrez. Que vai fazer

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 11, p. 1, 12 jan. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 82-88). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ O relatório, feito pelo delegado de polícia Luís Bartolomeu, a mando do chefe de polícia André Cavalcanti de Albuquerque, foi publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 9, p. 2, col. 3-4, 9 jan. 1896), em matéria que trazia o título JARDIM ZOOLOGICO.

nessa galera² o grave xadrez?³ É lícito, não há dúvida, nem há coisa mais lícita que ele; mas o gamão também o é, e não vejo lá o gamão.⁴

Quis enganar-me. Quis supor que era um aviso aquela palavra posta no fim da lista, como se dissesse:⁵ após tantos divertimentos, tudo acaba no xadrez da polícia. Mas certamente a empresa não levaria a paixão do trocadilho até o ponto de espantar os fregueses, conquanto esta paixão seja das mais violentas que podem afligir um homem. Também não creio que fosse ironia pura, um modo de dizer que não há perigo; seria descrer de uma coisa certa. Podem escapar alguns criminosos, como em toda a parte do mundo, mas alguns não são todos. Aí está, para não ir mais longe, o caso do desfalque municipal;⁶ é possível que se não ache o dinheiro, por esta velha regra que o desfalque, uma vez descoberto, põe logo umas barbas, e embarca ou finge que embarca; mas o culpado receberá o castigo, é o principal para a moral pública.

Meu bom xadrez, meu querido xadrez, tu que és o jogo dos silenciosos, como te podes dar naquele tumulto de frequentadores? Quero crer que ninguém te joga, nem será possível fazê-lo. Basta saber que há uma hora certa, as seis⁷ da tarde, em que sai de dentro de um tubo de ferro uma bandeira com o nome de um jogo.⁸ Como podes tu

² galera] galeria – em SEM1953. Em nota (12) à edição da crônica 103 (20 maio 1894), John Gledson comenta: “A palavra ‘galera’ entra numa frase de *Les fourberies de Scapin*, de Molière, que entrou na língua comum, e que Machado usa mais de uma vez: ‘Que diable allait-il faire dans cette galère?’” (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 134, jul.-dez. 2018) A palavra “galera” não é estranha neste contexto, em que o assunto são os jogos no jardim zoológico – alusão à arca de Noé?

³ Ubiratan Machado (2021, p. 200-201) fornece informações detalhadas sobre o interesse de Machado de Assis pelo jogo de xadrez: “Aficionado do xadrez, Machado deve ter se iniciado, ou se aperfeiçoado, no ‘jogo dos silenciosos’, como o classificou, durante a segunda estada de Artur Napoleão no Brasil, em 1862. [...] Gostava também de compor problemas [de xadrez] e de resolvê-los. [...] Em sua obra, Machado referiu-se por diversas vezes àquele ‘jogo silencioso’, ‘imagem da anarquia, onde a rainha come o pião, o pião come o bispo, o bispo come o cavalo, o cavalo come a rainha, e todos comem a todos’ (*Gazeta de Notícias*, 25 de fevereiro de 1894).” Sobre o envolvimento de Machado com o xadrez, ver ilustração ao final desta crônica.

⁴ Consta do relatório da polícia (ver nota 1) a seguinte lista de divertimentos oferecidos no interior do Jardim Zoológico: “1. Bilhares; 2. Bagatelas; 3. Solas; 4. Rochas italianas; 5. Belódromo; 6. Croquete; 7. Corrida de porcos; 8. Damas; 9. Dominó; 10. Esgrima; 11. Frontão Livre; 12. Ginásio; 13. Law Tennis; 14. Pau de sebo; 15. Pim! Pam! Pum!; 16. Patins; 17. Sape; 18. Tiro ao alvo; 19. Tiro ao coelho; 20. Tiro à galinha; 21. Tiro ao marreco; 22. Tiro ao pombo; 23. Tiro à flecha; 24. Voltarete; 25. Xadrez.” Não alcançamos entendimento do que seja o “sape”, item 17 da lista.

⁵ dissesse:] dissess: – em GN.

⁶ Esse desfalque foi noticiado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 5, p. 2, col. 1, 5 jan. 1896; e n. 8, p. 1, col. 9, 8 jan. 1896), com detalhes, sob o título DESFALQUE NA INTENDÊNCIA – em ambos os números do jornal.

⁷ as seis] às seis – em SEM1953.

⁸ Consta do relatório da polícia (ver nota 1): “No interior do Jardim e ao lado esquerdo de quem entra, num pequeno compartimento de madeira, estavam sempre vendidas as mesmas entradas [o bilhete de entrada no Jardim dava direito a um jogo], comprando cada visitante um grande número delas e crescendo a procura à proporção que se aproximavam as 6 horas da tarde. / [...] / Às 6 horas da tarde, dado por um empregado o sinal para o encerramento da venda das entradas, o povo dirigiu-se para a encosta da colina onde está situado o *Restaurant* e do interior de um tubo de ferro, colocado à frente de um pequeno pavilhão coberto de zinco, foi hasteada uma bandeira, onde estava colada a seguinte indicação – Law Tennis – prorrompendo os espectadores em grande vozeria, contentes uns, descontentes os outros.”

correr a ver o nome da bandeira, se tens de defender o teu rei, – branco ou preto, – ou atacar o contrário, preto ou branco? Outra coisa que deve impedir que te joguem, é a vozeria que, segundo o relatório da polícia, se levanta logo que a bandeira é hasteada.⁹ A autoridade explica a vozeria pelo fato de uns perderem e outros ganharem; mas a explicação da empresa é mais lógica. Diz ela que o nome do jogo hasteado não quer dizer senão que tal jogo será gratuito dessa hora em diante para todos os frequentadores do jardim;¹⁰ para os outros será preciso comprar bilhete.¹¹ Creio; mas o que não creio, é que dois verdadeiros jogadores do xadrez, aplicados ao ataque e à defesa, possam consentir em deixar tão nobre ação para ir ao pau de sebo ou qualquer outra recreação gratuita.

Li tudo, li os autos de perguntas feitas a vários cidadãos. Um destes, por nome Maia, carpinteiro de ofício, declarou que, com os tristes dez tostões de cada bilhete que paga à porta do Jardim Zoológico, tem já ganho um conto e quatrocentos mil-réis.¹² Não disse em que prazo, mas podendo comprar cinco ou mais bilhetes por dia, e sendo a empresa nova, é provável que tenha ajuntado aquele pecúlio em poucas semanas. Em verdade, se um homem pode ganhar tanto dinheiro passeando às tardes, entre plantas, à espera que a bandeira seja hasteada, é caso para seduzir outras pessoas que não sobem dos quatro ou cinco mil-réis por dia com a simples enxó. E ainda esses têm uma enxó; e os que não têm enxó nem nada?

Tudo pode ser, contanto que me salvem o xadrez. A polícia, – ou para não confundir este jogo com o nome vulgar da sua prisão, ou porque efetivamente queira restituir cada um ao seu ofício, – mandou¹³ que os bilhetes não tragam nenhum nome de divertimento. A opinião dos interrogados é que, sem isto, todo o fervor bucólico se perde. Não conhecendo a força inventiva da empresa, não sei o que ela fará. Suponhamos que manda imprimir os bilhetes sem nenhum dizer delituoso, mas que os faz de cores diferentes. Às mesmas seis horas da tarde, sobe uma bandeira da cor que deve ganhar; aí está o mesmo processo sem palavras. É difícil impedir que os bilhetes sejam de todas as cores, nem que as bandeiras subam ao ar na ponta de um pau. A

⁹ hasteada.] hasteada, – em GN.

¹⁰ jardim;] Jardim; – em SEM1953.

¹¹ Conforme se lê na nota 8, não era possível comprar “entradas” depois das 6 horas da tarde.

¹² Consta do relatório da polícia (ver nota 1): “*Auto de perguntas feitas a Joaquim da Silva Maia* – em seguida, presente Joaquim da Silva Maia, português, de 38 anos de idade, casado, empreiteiro de obras, morador à rua Paula e Silva, n. 2, em S. Cristóvão, e disse: Que costuma a frequentar quase que diariamente o Jardim Zoológico, visto dispor de tempo depois da visita que faz às obras de que está encarregado. Que compra no Jardim entradas do custo de 1\$ cada uma e que dão direito ao prêmio de 20\$ em dinheiro. Que na ocasião de ser sorteada a bandeira, ele declarante sabe pelo nome do divertimento que se lê na mesma bandeira qual o bilhete de entrada que está premiado. Que o bilhete de entrada que corresponde ao divertimento premiado é pago à rua Sete de Setembro n. 171, onde ele depoente tem ido por diversas vezes receber os prêmios tirados. Que ele depoente tem ganho nesse jogo a quantia de 1:400\$, acertando por diversas vezes.”

¹³ ofício, – mandou] ofício, mandou – em GN. Acatamos o ajuste feito por Aurélio na pontuação.

polícia só tem um recurso, é a publicação que faço aqui, antecipadamente, de maneira que a empresa não pode já empregar este sistema sem se desmascarar.

Nem sempre os jardins escondem jogos ilícitos. Vede o Jardim Botânico; está publicada a estatística das pessoas que lá foram no ano passado: 45.086, isto é, mais 10.427 que o ano de 1894. Notai que dos estrangeiros em trânsito o número, que em 1894 foi de 929, subiu no ano passado a 3.622. No total do mesmo ano estão inclusas 8.188 crianças.¹⁴ Não abuso dos algarismos; eu próprio não me dou muito com eles, mas os que aí vão, sempre consolam alguma coisa, no tocante à nossa vocação bucólica.

Outro jardim – é o último – abriu domingo passado as portas. Entrava-se com bilhete e havia bandeiras hasteadas. A presença do Sr. chefe de polícia podia fazer desconfiar; mas a circunstância de serem os bilhetes distribuídos pelo próprio Sr. presidente da República tranquilizou a todos, e, com pouco reconhecemos¹⁵ que o Ginásio Nacional não encobre nenhuma loteria. Os premiados houveram-se sem jactância nem acanhamento e os bacharelados prestaram o compromisso regulamentar, modestos e direitos. Um deles fez o discurso do estilo; o Sr. Dr. Paula Lopes falou gravemente em nome da corporação docente, até que o diretor do externato, o Sr. Dr. José Veríssimo, encerrou a cerimônia com um discurso que acabou convidando os jovens bacharéis a serem homens.¹⁶

Eu não quero acrescentar aqui tudo o que penso do Sr. Dr. José Veríssimo. Seria levado naturalmente a elogiar a *Revista Brasileira*, que ele dirige, e a parecer que faço um reclamo, quando não faço mais que publicar a minha opinião, a saber, que a revista é ótima.¹⁷



¹⁴ A estatística de visitas ao Jardim Botânico foi publicada no *Jornal do Commercio* em 11 jan. 1896 (ano 75, n. 11, p. 2, col. 1).

¹⁵ com pouco reconhecemos] com pouco, reconhecemos – em SEM1953.

¹⁶ Referência à solenidade de colação de grau dos bacharéis em ciências e letras, e distribuição de prêmios a alunos de diversos graus, no externato e internato do Ginásio Nacional – nome que ganhou o antigo Colégio Pedro II, após a proclamação da República. Na colação de grau, foi paraninfo o dr. Paula Lopes. O diretor do Ginásio era José Veríssimo (1857-1916), amigo de Machado de Assis. Ver *O Paiz* (ano XII, n. 413, p. 1, col. 7, 6 jan. 1896). A cerimônia deve ter acontecido ao ar livre, conforme se depreende da frase inicial do parágrafo.

¹⁷ José Veríssimo dirigiu a *Revista Brasileira* em sua terceira fase (1895-1899). Na primeira (1857-1861), a revista foi dirigida pelo cientista Cândido Batista de Oliveira, e editada pela Laemmert com o título *Revista Brasileira, Jornal de Ciências Letras e Artes*. Na segunda (1879-1881), editada por Nicolau Midosi, a publicação obteve grande sucesso. Por lá foram publicadas as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880). Essa revista, de certo modo, esteve na origem da Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis considerava José Veríssimo o maior crítico da literatura brasileira, e seu “leitor ideal”. Por sua vez, José Veríssimo defendia ser Machado de Assis o maior autor da literatura brasileira. (Cf. GUIMARÃES, 2004; e BERTOL, 2020, p. 1-17)

RESTAURANT DO JARDIM ZOOLOGICO
FILIAL DO CONHECIDO RESTAURANT
MAISON MODERNE
PROPRIEDADE DE
BERNARDINO GOMES DE AZEVEDO

O respeitavel publico desta capital, que se sentia privado de divertimentos decentes onde se pudessem passar horas agradaveis gozando um bello clima, e diversos generos de passa tempo, tem agora no Jardim Zoologico em Villa Isabel, o que tanto se almejava ha muitos annos.

Uma familia pode passar um dia inteiro no Jardim Zoologico, que tem divertimento para todo esse tempo.

A grande necessidade que se fazia sentir de um restaurant, capaz de servir a freguezia distincta, desapparece agora com a grande reforma porque passou o restaurant situado no Jardim Zoologico, que tem agora, como chefe de cozinha um dos mais habéis mestres.

A longa pratica do actual proprietario do restaurant e o pessoal escolhido que dirige o estabelecimento são as melhores garantias que o publico pôte ter para ser servido com promptidão, limpeza, gosto e **modicidade em preços** (que de passagem devo ser dito) a causa da ausencia de freguezia no restaurant Jardim Zoologico era os elevados preços que cobravam.

As Exmas. familias e o respeitavel publico são convidados a visitar o restaurant situado no alto do Jardim Zoologico.

PEIXES FRESCOS TODOS OS DIAS
Vinhos, licores, Champagno e cervejas nacionaes e estrangeiras, especialidade
cerveja **BARTHEL ETTAU** agradável, leve e saborosa

ANÚNCIO

FONTE: *O Paiz*, ano XII, n. 4090, p. 8, 13 dez. 1895.

PROBLEMA 11
POR ARTHUR NAPOLEÃO
 Extrahido do New-York musical world.
Pretas

Branças

As brancas sabem e dão mate em 2 jogadas.

1ª Partida no match entre os Srs. Machado de Assis e Arthur Napoleão, dando este o cavalo da rainha.
 (Remove-se o C. D. das brancas.)

GAMBIT DO REI

<i>Branças. A. Napoleão.</i>	<i>Pretas. M. de Assis.</i>
1. P. 4 R.	1. P. 4 R.
2. P. 4 BR.	2. P×P.
3. C. 3 BR.	3. P. 4 CR.
4. B. 4 B.	4. B. 2 C.
5. P. 4 D.	5. P. 5 C (a)
6. Roque.	6. P×C.
7. D×P.	7. B×P. (ch.)
8. R. 1 T.	8. P. 3 D.
9. B×P.	9. P. 4 TR. (b)
10. B. 5 R (c)	10. P. 3 BR.
11. B×B.	11. BD. 5 C.
12. D. 3 CD.	12. CD. 2 D. (d)
13. B×CR.	13. D. 2 R.
14. B. 5 D.	14. P. 4 BD. (e)
15. B. 3 BD.	15. P. 4 TD. (f)
16. D×PC.	16. T. 1 CD.
17. D. 6 BD.	17. B. 7 R.
18. B×PBR.	18. B. 4 CD.
19. B×D.	19. B×D.
20. B×PD.	

Depois de algumas jogadas mais, as pretas renderam-se.

(a) Esta jogada transforma a abertura n'uma especie de Gambit de Muzio.

(b) Para evitar a jogada das brancas D. 5 TR., porém era melhor D. 3 B.

(c) Bem jogado.

(d) Não é bom, mas é difficil dizer o que seria melhor.

(e) P. 3 BD. era peor.

(f) Devia antes ter jodado C. 4 R. Em todo o caso o jogo das pretas está muito critico.

ARTHUR NAPOLEÃO E MACHADO DE ASSIS: PARCEIROS NO XADREZ
 FONTE: *Illustração Brasileira*, ano II, v. III, n. 25, p. 15, 1º jul. 1877.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 11, p. 1, 12 jan. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13407>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BERTOL, Rachel. Revista Brasileira, dirigida por José Veríssimo – motor de uma geração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2020, v. 35, n. 103. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/3510306/2020>>.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.